



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 19/03/2021 a 25/03/2021

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560  
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL  
FONE: (55) 0\*\*55 3332-0487 FAX: (55) 0\*\*55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

### Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

|                   | GRÃO SOJA<br>(US\$/bushel) | FARELO SOJA<br>(US\$/ton. curta) | ÓLEO SOJA<br>(cents/libra peso) | TRIGO<br>(US\$/bushel) | MILHO<br>(US\$/bushel) |
|-------------------|----------------------------|----------------------------------|---------------------------------|------------------------|------------------------|
| <b>19/03/2021</b> | 14,16                      | 407,90                           | 53,87                           | 6,27                   | 5,57                   |
| <b>22/03/2021</b> | 14,17                      | 396,60                           | 56,37                           | 6,27                   | 5,49                   |
| <b>23/03/2021</b> | 14,23                      | 398,80                           | 57,02                           | 6,34                   | 5,51                   |
| <b>24/03/2021</b> | 14,32                      | 401,00                           | 57,48                           | 6,24                   | 5,53                   |
| <b>25/03/2021</b> | 14,14                      | 404,60                           | 54,98                           | 6,12                   | 5,46                   |
| <b>Média</b>      | <b>14,20</b>               | <b>401,78</b>                    | <b>55,94</b>                    | <b>6,25</b>            | <b>5,51</b>            |

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

| <b>SOJA</b>         | <b>Média*</b> |     |
|---------------------|---------------|-----|
| RS – Panambi        | <b>161,00</b> |     |
| RS – Não Me Toque   | <b>160,00</b> |     |
| RS – Londrina       | <b>156,00</b> |     |
| PR – Cascavel       | <b>155,00</b> |     |
| MT – C.N.Parecis    | <b>151,00</b> |     |
| MS – Maracaju       | <b>154,00</b> |     |
| GO - Rio Verde      | <b>156,00</b> |     |
| BA – L.E.Magalhães  | <b>155,00</b> |     |
| <b>MILHO(**)</b>    |               |     |
| Porto de Santos     | <b>80,00</b>  | CIF |
| Porto de Paranaguá  | <b>85,00</b>  | CIF |
| Porto de Rio Grande | <b>S/C</b>    |     |
| RS – Panambi        | <b>78,00</b>  |     |
| SC – Rio do Sul     | <b>80,00</b>  |     |
| PR – Cascavel       | <b>80,50</b>  |     |
| PR – Londrina       | <b>80,00</b>  |     |
| MT – C.N.Parecis    | <b>70,00</b>  |     |
| MS – Maracaju       | <b>80,00</b>  |     |
| SP – Itapetininga   | <b>92,00</b>  |     |
| SP – Campinas       | <b>96,00</b>  | CIF |
| GO – Rio Verde      | <b>77,00</b>  |     |
| GO – Jataí          | <b>77,00</b>  |     |
| <b>TRIGO (**)</b>   |               |     |
| RS – Panambi        | <b>79,00</b>  |     |
| RS – Não Me Toque   | <b>79,00</b>  |     |
| PR – Londrina       | <b>81,00</b>  |     |
| PR – Cascavel       | <b>80,50</b>  |     |

Período: 24/03/2021

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 25/03/2021**

| Produto    | milho<br>(saco 60 Kg) | soja<br>(saco 60 Kg) | trigo<br>(saco 60 Kg) |
|------------|-----------------------|----------------------|-----------------------|
| <b>R\$</b> | <b>77,77</b>          | <b>160,61</b>        | <b>78,08</b>          |

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
25/03/2021**

| Produto                                       |               |
|-----------------------------------------------|---------------|
| Arroz em casca<br>(saco 50 Kg)                | <b>86,01</b>  |
| Feijão (saco 60 Kg)                           | <b>286,14</b> |
| Sorgo (saco 60 Kg)                            | <b>63,00</b>  |
| Suíno tipo carne<br>(Kg vivo)                 | <b>6,23</b>   |
| Leite (litro) cota-consumo (valor<br>líquido) | <b>1,98**</b> |
| Boi gordo (Kg vivo)*                          | <b>9,60</b>   |

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Fevereiro/21 - média cf. Cepeal/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago voltaram a subir nesta semana, porém, com perda de ímpeto na quinta-feira. Mesmo assim, o primeiro mês cotado, após romper o piso dos US\$ 14,00/bushel na semana passada, se recuperou e fechou esta quinta-feira (25) em US\$ 14,14/bushel, contra US\$ 13,92 uma semana antes.

O destaque vem das cotações do óleo de soja que, neste momento, estão sustentando boa parte das altas do grão em Chicago. A libra-peso do óleo chegou a bater em 57,48 centavos de dólar no dia 24/03, a mais alta cotação desde setembro de 2012. Enquanto isso, o farelo viu seus preços enfraquecerem, rompendo, em alguns momentos da semana, mais uma vez o piso dos US\$ 400,00/tonelada curta.

No caso do óleo, a elevação nos preços do petróleo até poucos dias atrás vem sustentando suas cotações. Além disso, os estoques mundiais estão baixos e a demanda para biodiesel vem crescendo. Muitos analistas internacionais consideram que, provavelmente, tais cotações estejam no limite e tendam a recuar. Porém, este recuo será lento e deve durar todo este primeiro semestre.

E as altas não ocorrem somente na soja. Os óleos de palma, canola e girassol igualmente vêm seus preços subirem fortemente. No caso do óleo de palma, com a redução da mão de obra disponível nas regiões asiáticas de produção, esta acaba ficando limitada e insuficiente diante de uma demanda aquecida. Por sua vez, é evidente que os preços do grão e do óleo de soja estão em uma bolha especulativa que, em um determinado momento, irá estourar. Espera-se que o recuo, após este estouro, não seja expressivo, porém, ninguém pode dar garantias.

Por enquanto, a produção de óleo de palma na Malásia está estimada em 19,6 milhões de toneladas neste ano, enquanto na Indonésia a mesma chegue a 48 milhões. Hoje, da produção mundial de óleos vegetais, 36% é de óleo de palma, 29% de soja, 13% de canola, 9% de girassol e 9% de outros óleos.

Especificamente aqui no Brasil, onde o óleo de soja é o expoente, os preços subiram para até R\$ 7.000,00 a tonelada nos melhores momentos do mercado nestas últimas semanas. Boa parte deste movimento está no fato de que o biodiesel já está sendo misturado na proporção de 13% no país. Neste contexto, a Abiove espera uma produção nacional de óleo de soja, em 2021, ao redor de 9,5 milhões de toneladas, sendo que 600.000 toneladas serão exportadas e 9,2 milhões (já agregando os estoques iniciais) serão consumidas internamente.

Na esteira desta realidade, destaque para a redução no esmagamento de soja por parte da China, o que resulta em menos óleo produzido. O esmagamento recua porque o consumo de ração voltou a cair devido ao retorno de surtos de peste suína africana naquele país asiático. Isso, logo mais, poderá impactar os preços da soja em Chicago.

Dito isso, os embarques de soja por parte dos EUA, na semana anterior, atingiram a 489.405 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. No acumulado do ano comercial atual o volume alcança 53,6 milhões de toneladas embarcadas, sendo 73% acima do registrado um ano antes nesta época.

Vale ainda lembrar que no próximo dia 31/03 teremos o relatório de intenção de plantio nos EUA, o qual pode trazer um aumento importante na área a ser semeada com soja naquele país.

E aqui no Brasil, os preços recuaram, puxados pelo recuo do dólar em alguns momentos da semana. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 160,61/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços variaram entre R\$ 151,00 e R\$ 156,00/saco.

Vale destacar que, no caso brasileiro, é o câmbio o maior responsável pelos atuais preços da soja. Para se ter uma ideia desse impacto, mantendo as demais variáveis constantes, em o câmbio vindo a R\$ 5,00, o que seria adequado na atualidade, a soja gaúcha, no balcão, estaria ao redor de R\$ 134,00/saco. Mesmo assim, um preço expressivo em relação ao praticado nesta época do ano passado, quando o saco do produto estava em R\$ 88,52 em média. Por outro lado, importante se faz anotar que as cotações futuras em Chicago, no momento, são baixistas. O contrato novembro, por exemplo, está quase dois dólares por bushel abaixo dos valores atuais. Neste sentido, considerando Chicago ao redor de US\$ 12,00/bushel e um prêmio positivo de 20 centavos de dólar para novembro, a um câmbio em torno de R\$ 5,00, como se espera venha a ocorrer no final do ano (dependendo do comportamento de nosso juro básico e dos encaminhamentos em relação a vacinação e as reformas), o saco de soja, no balcão gaúcho, pode terminar novembro de 2021 ao redor de R\$ 116,00 em média, contra R\$ 153,41 no final de novembro de 2020, ou seja, quase 25% a menos. Lembrando que a disparada cambial, anormal deste início de ano, mudou a tendência dos preços internos da soja nesta colheita, deixando-os entre 30 a 40 reais/saco mais elevados do que o inicialmente projetado.

Por enquanto, o que se tem é uma estabilização dos preços internos da soja, com viés de baixa, motivado pelo avanço da colheita no Brasil e a melhoria do clima na Argentina. A possibilidade de uma safra entre 128 e 133 milhões de toneladas, conforme os diferentes órgãos públicos e privados, auxilia a segurar as cotações. Infelizmente, no Centro-Oeste, boa parte da colheita está se dando com muita umidade, forçando descontos importantes junto aos preços finais recebidos pelos produtores. Além disso, certas regiões registram perdas significativas pelo excesso de chuvas na colheita, além da forte seca no momento do plantio no ano passado.

Ainda em termos de colheita de soja, no Rio Grande do Sul a mesma atingia algo em torno de 10% da área, enquanto no Mato Grosso ela estavamestá quase concluída neste momento. No Brasil, como um todo, a mesma chegava a 59% até o dia 18/03, contra 66% um ano atrás. (cf. AgRural)

Vale ainda destacar que as importações de soja brasileira, por parte da China, recuaram nos primeiros dois meses deste ano. O país asiático comprou apenas 1,03 milhão de toneladas de soja nestes dois meses, contra 5,14 milhões de toneladas no mesmo período do ano passado. Isso se deve, em boa parte, ao atraso na colheita brasileira, porém, pode ser igualmente um sinal de recuo geral nas compras chinesas diante do retorno da peste suína africana em parte de seus rebanhos suínícolas. Por enquanto, este segundo ponto parece não se confirmar, já que nos dois primeiros meses do ano as importações chinesas oriundas nos EUA cresceram para 11,9 milhões de toneladas, contra 6,1 milhões em janeiro e fevereiro de 2020. Ou seja, os

chineses compensaram a falta de produto no Brasil, comprando mais dos EUA, fato que auxiliou a elevação das cotações em Chicago em quase três dólares por bushel entre o início de dezembro passado e o final deste mês de março. Mesmo assim, em termos totais, como já destacado no comentário passado, as importações chinesas totais de soja recuaram 0,8% nos dois primeiros meses deste ano, em relação a igual período de 2020, chegando a 13,4 milhões de toneladas.

Para o restante do ano, a questão chave é se verificar em que dimensão se dará o impacto deste retorno da peste suína africana na China, pois isso direcionará o mercado internacional.

Quanto as exportações totais de soja por parte do Brasil, nas três primeiras semanas de março o total nacional chegou a 7,7 milhões de toneladas (cf. Secex). Segundo a Anec, o Brasil poderá exportar 16,2 milhões de toneladas de soja em março, contra 10,8 milhões em março de 2020.

Outro ponto importante a destacar é que haveria pouco espaço para grandes negócios com soja no curto prazo, devendo este interesse comprador aumentar a partir de junho, quando da entressafra estadunidense.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago, apesar das oscilações durante a semana, praticamente fecharam estáveis esta quinta-feira (25). O primeiro mês cotado fechou o dia em US\$ 5,46/bushel, exatamente o mesmo valor de uma semana atrás.

Os embarques por parte dos EUA, na semana encerrada em 18/03, foram elevados, atingindo a 1,96 milhão de toneladas, porém, ficaram dentro das expectativas do mercado. Em todo o ano comercial atual o país norte-americano já embarcou 32 milhões de toneladas de milho, 89% acima do exportado no mesmo período do ano passado. A China teria comprado mais 800.000 toneladas, somando 3,9 milhões de toneladas do cereal em março. Do total já comprometido de milho estadunidense, para a China, que é de 23,6 milhões de toneladas neste ano comercial, apenas 7,8 milhões foram embarcadas até o momento. Isso pode significar que não há urgência por milho no país asiático.

O quadro agora é de expectativa quanto a futura área a ser semeada nos EUA. A intenção de plantio sai neste próximo dia 31/03 e, como na soja, espera-se uma área maior em relação ao ano passado.

Na Argentina, a colheita do milho estaria em 8% da área, cujo total semeado chegou a 9,4 milhões de hectares. Na safra passada (ano comercial 2020/21, encerrado no final de fevereiro), a produção de milho atingiu a 58,5 milhões de toneladas. Para este novo ano comercial a expectativa é de uma safra entre 45 e 48 milhões de toneladas devido a problemas climáticos. Isso deve significar menos exportações do cereal por parte dos argentinos, exportações estas que atingiram a 36,5 milhões de toneladas no ano comercial passado (62,4% do total produzido).

Aqui no Brasil, os preços do milho se mantiveram relativamente estáveis, porém, bastante elevados quando comparados ao mesmo período do ano passado. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 77,77/saco, enquanto nas demais praças nacionais o produto oscilou entre R\$ 70,00/saco em Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 92,00/saco em Itapetininga (SP). O CIF Campinas (SP) se manteve em R\$ 96,00/saco. Já na B3 os contratos de milho na última quarta-feira giravam de R\$ 94,23/saco para maio, até R\$ 83,80 para setembro.

O plantio da safrinha nacional está quase finalizado (90% da área), com o total devendo bater no recorde de 14,2 milhões de hectares. Ao mesmo tempo a colheita do milho de verão chega ao final e nem por isso os preços diminuem. Na verdade, devido a problemas climáticos, particularmente no sul do país, a safra de verão será menor do que o esperado, sustentando os preços. Além disso, boa parte dos produtores estão segurando o produto, esperando preços ainda mais elevados já que a safrinha tende a entrar mais tarde no mercado, devido o atraso em seu plantio em grande parte das regiões produtoras.

Apesar de todos estes aspectos, analistas privados ainda apontam uma safra total final em 112,8 milhões de toneladas, enquanto organismos oficiais indicam algo entre 106 a 108 milhões de toneladas. Segundo Safras & Mercado, a área total com milho no Brasil, neste ano comercial, deverá crescer 6,2% sobre o ano anterior, para atingir a 20,75 milhões de hectares. Espera-se uma safrinha, agora, em 80,7 milhões de toneladas. Ora, se a safra de verão resultou em 21,6 milhões de toneladas, depois de contabilizadas as quebras climáticas, não há como o total nacional atingir a 112 milhões de toneladas. No máximo, a mesma chegaria a 103 milhões de toneladas, o que é pouco diante da demanda interna em crescimento e as exportações estimuladas pelo câmbio. Além disso, neste contexto, qualquer problema climático, no desenvolvimento da safrinha, deverá puxar os preços internos do milho ainda mais para cima a partir de agora.

Pelo lado da exportação, nos primeiros 15 dias úteis de março o Brasil registrou um volume de 292.954 toneladas de milho, ficando em apenas 35% do total exportado em fevereiro. Por enquanto, a média de embarques é 57% menor do que a média diária do mês passado e 9,1% menor do que a média diária de março 2020. O preço da tonelada exportada subiu para US\$ 244,90, contra US\$ 190,10 um ano antes.

Enfim, em termos regionais, no Mato Grosso a segunda safra de milho chegava a 98% da área a ser semeada, havendo atraso na mesma, fato que deve provocar perdas na produtividade média. (cf. Imea) Já no Paraná, conforme o Deral, 74% das lavouras de verão do Estado estavam colhidas em meados de março. Já a segunda safra de milho atingia a um plantio de 88% da área esperada. Enfim, em Goiás, mais de 70% da segunda safra já estaria semeada, com o preço médio do cereal batendo em torno de R\$ 77,94/saco em meados de março. Mas também aqui há atrasos no plantio. Em Rio Verde, por exemplo, cerca de 40% das lavouras da safrinha deverão ficar fora da janela ideal de plantio.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago recuaram mais nesta semana, com a quinta-feira (25) fechando em US\$ 6,12/bushel, no primeiro mês cotado, contra US\$ 6,30 uma semana antes. Lembrando que no final de fevereiro a mesma chegou a US\$ 6,80. A cotação deste dia 25/03 é a mais baixa dos últimos três meses.

As exportações estadunidenses de trigo somaram 648.485 toneladas na semana anterior, superando as expectativas do mercado. No acumulado do ano comercial o volume chega a praticamente 20 milhões de toneladas exportadas, ficando apenas 0,7% abaixo do registrado um ano antes.

Também aqui o mercado espera o relatório de intenção de plantio nos EUA, previsto para o dia 31/03.

E no Brasil, os preços se mantêm firmes. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 78,08/saco, superando o preço médio de mercado do milho. No Paraná, os preços do trigo giraram entre R\$ 80,50 e R\$ 81,00/saco.

Com as dificuldades impostas pelo novo isolamento social, em praticamente todo o Brasil, o mercado se coloca em compasso de espera. Existe uma expectativa de que a demanda melhore com a saída do novo auxílio emergencial a partir de abril.

Entretanto, como a safra nacional foi novamente ruim em 2020, e as importações estão caras devido ao câmbio e às cotações internacionais, o preço interno no trigo não cede. Isto não impede que o mercado produtor tenha preocupações quanto aos preços para a nova safra, caso a mesma venha cheia. Neste sentido, campanhas de consumo em favor do trigo nacional estão sendo feitas, caso do Rio Grande do Sul. Afinal, segundo o Censo Agropecuário de 2017 (IBGE), 19.716 propriedades rurais gaúchas cultivavam trigo, havendo expectativa de que, nesta safra, o plantio supere a um milhão de hectares, algo que não se vê desde 2014.

Enfim, em termos de mercado, o maior lucro com o trigo da safra 2020/21 se deu em novembro do ano passado. Segundo a TF Agroeconômica, no início de novembro passado o preço médio do trigo no Paraná estava em R\$ 84,10/saco. Já o custo médio variável atingia a R\$ 45,58/saco. Agora em março, o preço médio atinge a R\$ 90,61/saco, enquanto o custo variável médio subiu para R\$ 57,11/saco. Assim, em novembro sobrava R\$ 38,52/saco, enquanto agora em março sobra R\$ 33,50, mesmo com a alta do preço neste período. Todavia, para que a análise seja efetiva a venda do trigo e a compra dos insumos teria que se dar na mesma época.

Dito isso, o mercado esperava preços bem mais elevados neste momento diante da quebra da safra e dos altos custos de importação do cereal. No entanto, está ocorrendo uma forte redução no consumo, com os moinhos reduzindo sua moagem em 40%, diante das indefinições da nova onda pandêmica do coronavírus Covid-19 no Brasil. Neste contexto, muitos moinhos estão alongando seus estoques ao invés de comprarem mais produto.

Em paralelo, a realidade do mercado argentino, grande fornecedor do cereal para o Brasil, é de que os preços locais teriam pouco espaço para subir neste restante de ano. O motivo seria que o setor exportador argentino já praticamente cumpriu com sua cota de embarques, enquanto o governo continua pressionando para controlar os preços internos do cereal. Assim, ainda há muito trigo em mãos dos produtores (mais de 8 milhões de toneladas), fato que segura os preços locais. Esta situação, mais adiante, pode forçar também para baixas nos preços do trigo brasileiro, caso a futura safra nacional confirme um aumento de área semeada e a produção, desta vez, venha normal. Além disso, não se pode esquecer que o Real tende a se valorizar até o final do ano, devido ao aumento do juro básico, fato que diminuiria o custo de importação.